



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Eixo temático: Questão Agrária, Urbana, Ambiental e Serviço Social

Sub-eixo: Questão Ambiental

MINERAÇÃO NA AMÉRICA LATINA E NO BRASIL: ALGUMAS REFLEXÕES

MARGARIDA MARIANO DE OLIVEIRA¹
AFONSO RAMYRES PEREIRA DA SILVA²

RESUMO

Este trabalho é resultado do seminário da disciplina de Questão Urbana e Rural/Agrária do curso de Serviço Social da UECE. Que abordou a mineração na América Latina e no Brasil, do período colonial até a atualidade. O Estudo analisa a exploração dos recursos naturais, impactos ambientais e socioeconômicos, destacando as consequências para as comunidades locais, em especial as mulheres e a atuação do assistente social frente a esta problemática.

Palavras-Chave: mineração; América Latina; escravização; impactos ambientais; impactos socioeconômicos.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é resultado de uma apresentação de seminário com a temática “mineração” na disciplina de “Questão Urbana e Rural/Agrária”, turno noite, no curso de Serviço Social da Universidade Estadual do Ceará. A preparação do seminário foi organizada por uma equipe de sete membros, os quais se debruçaram sobre pesquisas bibliográficas, pesquisa documental e artigos disponibilizados via internet. A apresentação consistiu em trazer elementos da mineração na América Latina e no Brasil durante o período colonial e evidenciar aspectos importantes da mineração atual do Brasil, como leis, impactos ambientais e socioeconômicos.

Assim, o objetivo deste trabalho busca trazer algumas reflexões sobre o processo de mineração ocorrido durante o período de colonização e escravização dos povos negros na América Latina e no Brasil e suas consequências. Para tanto, a mineração é uma temática que conduz a debates de grandes relevâncias na sociedade, principalmente por sua historicidade

¹ Universidade Estadual do Ceará

² Universidade Estadual do Ceará



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

enquanto atividade de extração desde antes do período colonial até aos dias atuais. Seu processo de extração de minérios na América Latina e no Brasil se inicia com a vinda dos exploradores e colonizadores europeus à América. Durante séculos a Europa se enriqueceu com as riquezas extraídas da América, logo, é evidente que os estragos não são pequenos, pois apenas era extraído a riqueza do solo, sem retornos financeiros ou sociais para atender as populações existentes no Brasil, e se algum dia houve investimento no Brasil nesse período, foi porque a família real de Portugal fugiu para as terras brasileiras.

A história da mineração no Brasil está intimamente ligada à formação socioeconômica do país, marcada pela exploração dos recursos naturais durante o período colonial, o qual utilizava as populações negras como mão de obra escrava. Atualmente, o Brasil é um grande produtor e exportador de minérios, parte de seu PIB é derivado da extração de minérios. A atividade minerária no Brasil também traz graves consequências para o meio ambiente, bem como para as populações que vivem próximas às áreas de exploração. Com destaque mais críticos para as mulheres e grupos tradicionais que sofrem com o deslocamento, a degradação ambiental e a perda de sua identidade cultural.

Diante disso, o presente artigo encontra-se dividido em seis partes, a primeira apresenta a introdução, na qual descreve o processo de desenvolvimento deste artigo, o segundo apresentou o contexto histórico da mineração na América latina, o terceiro trouxe aspectos da relação da mineração no Brasil com o período escravista, o quarto ponto expôs sobre a mineração no Brasil, impactos ambientais, socioeconômicos e sustentabilidade, além de mostrar a importância do papel do assistente social na defesa dos direitos das populações vulneráveis que são afetadas pelo processo da exploração mineral, e o quinto ponto encontra-se as considerações finais e por último as referências.

2. MINERAÇÃO NA AMÉRICA LATINA

Ao longo dos últimos séculos, a América Latina passou por grandes transformações paisagistas e sociais por causa da extração de minérios em seu território. Segundo Brito (2021), a mineração “[...] modifica os territórios, gera migrações, perda de bens coletivos e privatização do público. Seu início de extração na América Latina se deu anos antes do período de exploração pelos europeus, de forma lenta, mas se intensifica com a colonização e posteriormente com o processo de industrialização. Para Santiago (2013), “ouro e prata, tidos como ‘moedas’ pelos



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

européus do século XVI, são os precursores da mineração da América Latina contemporânea”. Assim, enuncia:

[...] Durante trezentos anos, a mineração alimentou o colonialismo, sustentando a ascensão da Europa à potência global e os cofres imperiais chineses. Um dos melhores testemunhos da riqueza do subsolo da América Latina é a extravagante ostentação de prata e ouro nas igrejas coloniais europeias e latino-americanas, que surpreende até o turista mais calejado. Invisíveis mas escondidos nessa arquitetura e arte suntuosas estão os milhões de trabalhadores indígenas e africanos, cujos corpos e saúde se debilitaram na obtenção desse tesouro (Santiago, 2013, p.83).

A chegada dos espanhóis e portugueses com a ideia de terras “descobertas”, transformou a vida dos povos nativos da América Latina, tanto pela introdução de novos costumes, mudanças no uso da terra e incidências de doenças que levaram à morte de milhares nativos, como pelo domínio de suas vidas em prol de um sistema exploratório e brutal que concentrava as riquezas nas mãos dos países do continente europeu. A Europa passava pelo declínio do sistema Feudal, fome e buscava novas rotas para fugir da escassez de recursos e assim surgiam novas formas de acumulação de riquezas, ou seja, o sistema Feudal “já não era então suficiente para as crescentes necessidades dos novos mercados. O sistema manufatureiro tomou seu lugar. Os mestres de corporações foram superados pela pequena burguesia manufatureira” (Marx; Engels, 2017). Sobre isso, Coggiola (2011) elucida que “Na Europa, as vias da acumulação primitiva foram a ruína e expropriação compulsória de camponeses e artesãos (separação do produtor direto dos meios de produção, condição prévia do capitalismo)”. Logo, com as navegações e expansão do domínio europeu sobre outros países, em especial a América, tornou-se possível uma acumulação acelerada, a qual foi fundamental para a instalação do modo de produção capitalista. Nesse sentido, para Coggiola, a exploração da América, Ásia e África proporcionou um acúmulo de grandes capitais.

A exploração da América foi uma condição essencial para o nascimento do capitalismo, e, também, um índice de sua expansão em escala mundial: “as descobertas de ouro e de prata na América, o extermínio, a escravização das populações indígenas, forçadas a trabalhar no interior das minas, o início da conquista e pilhagem das Índias Orientais e a transformação da África num vasto campo de caçada lucrativa são os acontecimentos que marcaram o alvorecer da era da produção capitalista [...] (Coggiola, 2011, p.142).

De acordo com Coggiola (2011), o processo de colonização da América iniciou-se primeiramente com a Espanha e, depois, Portugal, quase um século antes em relação às outras potências colonizadoras como Inglaterra, Holanda e França. A Espanha em suas expedições na América Latina para exploração de ouro e prata, buscou manter seu domínio focado na fundação de cidades, criando os assentamentos. Porém, para a extração dos minérios eram necessários trabalhadores, tanto para as minas como para trabalhar na agricultura e produzir alimentos, assim,

as populações nativas foram usadas como mão de obra, no entanto, a mão de obra em questão foi forçada a trabalhar para enriquecer as colônias espanholas. Aliadas a essas questões, os povos nativos também eram submetidos aos processos de cristianização, pois eram vistos como povos sem almas, sem religião, incivilizados. Segundo Grosfoguel (2016), “[...] no imaginário cristão da época, não ter uma religião equivalia a não ter uma alma, isto é, ser expulso da esfera do humano”.

Os colonizadores espanhóis e portugueses saquearam as terras da América, dizimaram e exploraram as populações indígenas, da mesma forma com os povos negros raptados de sua terra natal, África. Com a expansão da exploração da Península Ibérica em solo latino-americano de metais preciosos e outras riquezas, intensificou-se o tráfico transatlântico de escravos, principalmente para o Brasil, que era colônia da Coroa Portuguesa. Tanto os povos indígenas quanto os povos negros foram submetidos a processos desumanos e violentos em nome da ganância por metais e para enriquecer a Europa.

Com o fim do sistema colonial, a Europa foi impulsionada a renovar suas formas de mineração e seguiu o fluxo do processo industrial correspondendo às novas condições mundiais. Segundo Santiago (2013), “minerais, metais e produtos naturais anteriormente ignorados adquiriam subitamente valor e criaram uma grande demanda. A natureza e o trabalho da América Latina responderam a novas condições mundiais, inaugurando um novo ciclo de extração” (p.83-84).

Dessa forma, a América Latina foi e continua sendo uma das áreas mais abundantes em recursos minerais, mas dificilmente essas riquezas beneficiam as populações locais. Dentre esses minerais extraídos em terras da América Latina “destacam-se por suas grandes quantidades o nióbio, o lítio, o cobre, a prata, o estanho, o ferro, o zinco e o alumínio (bauxita), além de muitos outros em proporções menores” (Rodrigues, 2015). Países como Chile, Peru, Brasil e México estão entre os maiores produtores mundiais de vários desses recursos. Atrelado ao processo da extração do minério, ressaltamos os impactos que esse processo traz de maneira abrupta sobre a natureza e a vida das pessoas que moram próximo às minas, como a destruição do solo, da água potável, poluição do ar, isto acompanhado de desastres ambientais e prejuízos à saúde humana. Por este motivo, muitos povos da América Latina têm lutado para impedir o avanço da mineração nos dias atuais, pois os conflitos se intensificam cada vez mais entre ativistas ambientais e as empresas de mineração. O site Open Democracy (2021), em uma matéria sobre mineração e conflitos na América Latina, diz o seguinte:

De acordo com o último relatório da ONG Global Witness, mais ativistas ambientais são assassinados na América Latina do que em qualquer outra região do mundo, com dois terços dos casos de 2019. A Colômbia está no topo desta lista, com 64 assassinatos. Até hoje, o Observatório de Conflitos de Mineração da América Latina (OCMAL) registra 284 conflitos sociais relacionados à mineração. A maioria está no México, Chile e Peru, seguidos por Argentina, Brasil e Colômbia. Atrás desses números há pessoas. E atrás de cada uma delas, uma família e uma comunidade (Open Democracy, 2021).

A intensificação da extração de minérios, conforme salienta Brito (2017),

[...] veio acompanhada do aumento vertiginoso dos conflitos sociais relacionados à mineração. Esse cenário representa grandes desafios para os movimentos sociais e populações dos territórios afetados, e não há como compreendê-lo sem olharmos para a maneira como o desenvolvimento, no Brasil e na América Latina, está baseado no modelo extrativista (Brito, 2017, p. 10).

3. RELAÇÃO DA MINERAÇÃO COM O PROCESSO DE ESCRAVIZAÇÃO NO BRASIL

O domínio exploratório da coroa portuguesa sobre o Brasil, inicialmente era voltado para a extração do Pau-Brasil e na agricultura de cana-de-açúcar. A esses fatores, Portugal já se utilizava do trabalho forçado das populações indígenas e a partir do século XVI os portugueses dão início ao tráfico negreiro, pois pretendiam ampliar suas riquezas através de trabalho escravo (MultiRio, [s.d]). Importa destacar que as condições dentro dos navios negreiros eram precárias Coggiola (2011), muitos dos escravizados perdiam suas vidas na travessia do oceano, muitos dias no navio, sem luz e com alimentação inadequada, além da condição a que estavam submetidos, quando não morriam, chegavam ao Brasil desnutridos.

As primeiras explorações eram chamadas de "entradas" e "bandeiras", é dessa palavra que surgem os bandeirantes, eram "exploradores portugueses e caçadores de fortuna, que chegaram no final dos anos 1500 em busca de minerais" (Geolnova, 2023). As buscas por minérios inicialmente eram infrutíferas, no entanto, após várias buscas são realizadas descobertas significativas de ouro na região de Minas Gerais, além do ouro, são encontradas também minas de diamantes. Esse período marca o início da corrida do ouro no Brasil, com as primeiras bandeiras explorando o interior do país (Geolnova, 2023). Deste modo, com a descoberta desses metais em Minas Gerais, o fluxo de escravos se intensificou na região, os quais eram obrigados a executarem um trabalho exaustivo e desumano. Além disso, a mineração aumentou o tráfico transatlântico de escravos para o Brasil, o que favoreceu a expansão da economia escravista de Portugal.

Destacamos que essa expansão não se limitou somente às áreas mineradoras, mas também se estendeu para outras regiões do país de forma violenta e impactando negativamente a



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

vida dos povos nativos, outrossim, esse movimento de exploração de minérios para o interior do país não beneficiou apenas à classe portuguesa, mas a outros países europeus como adverte Coggiola (2011):

No Brasil, as entradas e bandeiras procuravam abrir o caminho frequentemente deixando um rasto de sangue em direção a rápida riqueza. No caso português, o ouro brasileiro ia para Portugal e dali - para pagar o excedente das importações sobre as exportações, ou déficit comercial - para a Inglaterra. Brasil e Portugal não foram apenas fregueses muito importantes para as manufaturas inglesas, cujo crescimento estimulava na época em que o mercado europeu tendia a recusá-las, mas apoiaram também o seu desenvolvimento (Coggiola, 2011, p.163).

Enquanto a Coroa Portuguesa enriquecia, os escravizados eram submetidos a condições precárias, trabalhando longas horas em ambientes insalubres, como minas subterrâneas e rios, sob constante vigilância e violência, além da má alimentação a que estavam sujeitos. Desta maneira, devido a violência e torturas os quais estavam submetidos, muitos escravizados fugiam e resistiam às condições brutais das minas e assim surgiam os quilombos³, onde se reuniam para fugir do sistema colonial perverso e encontrar formas de se manifestar contra a escravização.

4. MINERAÇÃO NO BRASIL: IMPACTOS AMBIENTAIS, SOCIOECONÔMICOS E SUSTENTABILIDADE

A mineração no Brasil é responsável por 4% do produto interno bruto brasileiro (PIB), estando presente em quase todos os bens e produtos consumidos pela sociedade brasileira e mundial. Nos últimos anos a extração mineral no Brasil tem alcançado números expressivos batendo metas ano a ano. As 92 tipologias minerais existentes no Brasil se encontram presentes em todos os estados do país, alcançando 2776 cidades, os estados de Minas Gerais e Pará são os principais protagonistas na extração dos recursos minerários, segundo o Instituto Brasileiro de Mineração (IBRAM).

³ Quilombo é a denominação para comunidades constituídas por pessoas escravizadas que resistiram ao regime escravocrata que vigorou no Brasil por mais de 300 anos e só foi abolido em 1888. Os quilombos se constituíram a partir de uma grande diversidade de processos que incluíram as fugas para terras livres e geralmente isoladas. [...] O que caracterizava o quilombo era a resistência e a conquista da autonomia. A formação dos quilombos representou o movimento de transição da condição de escravo para a de camponês livre.

Os quilombos continuaram existindo e sendo formados mesmo após o fim formal da escravidão. A existência de quilombos contemporâneos é uma realidade latino-americana. Tais comunidades são encontradas na Colômbia, Equador, Suriname, Honduras, Belize e Nicarágua. E em diversos desses países – como ocorre no Brasil – o direito às terras tradicionais é reconhecido na legislação nacional. Os direitos das comunidades quilombolas também são assegurados na Convenção 169 Sobre Povos Indígenas e Tribais da Organização Internacional do Trabalho, ratificada pelo Brasil e por diversos países da América Latina (Comissão Pró-Índio de São Paulo, [s.d]).

No ano de 2023 o setor da mineração alcançou um faturamento de R\$ 248, 4 bilhões de reais, um valor tão expressivo que também pode revelar as consequências irreparáveis para o meio ambiente e para as populações que residem perto dos parques minerários. Por isso, é importante refletir de forma ampliada os dilemas que são enfrentados frente ao avançar da globalização mundial que defronta com os territórios das populações que são diretamente afetadas pela velocidade do sistema econômico mundial vigente.

Antes de refletir o contexto atual da temática, é importante andar na estreita da formação sócio-histórica da sociedade brasileira, que traz um rastro de uma abolição inacabada, onde dentro dos vários ciclos de apropriação das riquezas naturais deste país por nossos exploradores, os recursos minerais estiveram em foco nesta ação, sendo usada mão de obra do povo africano que foram escravizados(as) pelo sistema vigente da época, fato este que se perdeu por quase quinhentos séculos.

Perpassando as fases coloniais, imperiais, republicanas, de regimes ditatoriais até chegar na Constituição de 1988 percebemos visivelmente a entrega das riquezas minerais do território brasileiro para empresas privadas, é só vislumbramos o que aponta o Decreto-Lei N° 227/67 que criou o código da mineração, onde explicitamente concede ao Estado a posse de toda lavra mineral, podendo o mesmo através de licenças e concessões conceder a extração e exploração dos recursos minerais a grandes empresas multinacionais. Este mecânico anda atrelado aos ideais do Ultra-neoliberalismo⁴ que dentre das inúmeras implicações na vida social, defende a diminuição cada vez mais acelerada do estado e das políticas públicas.

É importante frisar que mesmo com o aprimoramento das legislações protetivas e dos órgãos estatais que fiscalizam o setor, inúmeras são as lacunas expostas pela falta efetiva de fiscalização e lisuras de muitas lavras minerais, que pela inércia do estado afetam pessoas e o meio ambiente. A própria Lei N° 12. 751/2012 que vai tratar do Código Florestal Brasileiro, apontando o estabelecimento de normas gerais sobre a proteção da vegetação, áreas de preservação permanente (APPs) e as áreas de reserva legal acabam sofrendo com o descaso dos gestores públicos para a sua efetivação prática. A balança entre o equilíbrio da extração e da preservação não se aplica dentro do modo de produção capitalista.

⁴ Pontuamos a definição “ultra-neoliberal” das autora Raquel Raichelis, Rosângela Dias, e Mariângela Belfiore que definem o ultra-neoliberalismo como uma doutrina econômica é uma nova racionalidade que corrói as relações sociais, transforma sujeitos em concorrentes e produz a mercadorização da instituição pública, levada a funcionar de acordo com a lógica gerencial prevalecte no mundo empresarial da competição sem limites.

O desequilíbrio desta balança é notório pela forma como o próprio capitalismo vai se reinventando para reexistir, pois essas extrações tendem a ser mais aceleradas pela financeirização do capitalismo atual. Os impactos ambientais são o maior peso desta balança, pois através da degradação da exploração mineral, acabam afetando diretamente a flora, a fauna e os territórios que os seres humanos estão inseridos. Pois esta população precisa de deslocar-se muitas das vezes por causa dos danos causados pelo desmatamentos das áreas florestais, contaminação dos recursos hídricos, alterações na paisagem, e do solo e da perda do pertencimento cultural do lugar onde esta população está localizada.

Esta exploração ostensiva tem desmarcado o cenário das localidades de maneira abrupta colocando em risco pessoas. Percebemos que os impactos vão além dos desastres ambientais de Mariana e Brumadinho que entre 2016 a 2019 se tornaram os principais crimes ambientais e humanos acontecidos no Brasil, mas o prejuízo se espalha em todas as cidades que estão à volta desses grandes sinistros afetando a vida humana e natural dos seres vivos existente. Esses acontecimentos deixam claro que a concessão feita pelo estado é também um direito e uma quase obrigação das empresas envolvidas tomarem o papel civil do estado como agente regulador frente à barbárie criminosa que tais grupos empresariais estão envolvidos. Sendo então inadmissível acreditar que devidas empresas vão mitigar as catástrofes acontecidas tais como reparar os danos insólúveis aos que foram direta e indiretamente envolvidos pelos desastres.

O caminho que a mineração calça atualmente é um caminho que afeta também a fonte de renda das comunidades tradicionais, ribeirinhas e nativas das cidades vista como pioneiras para o setor. Se por um lado se apregoa as vantagens da mineração para as cidades e todo o espólio financeiro que tal ação acarretará na economia local, muito pouco se pontua as inúmeras e incalculáveis desvantagens que a mesma ação causará nos menos favorecidos, que dependem dos recursos da natureza para a sua manutenção humana. Além, do deslocamento desses grupos para outros espaços para o pertencimento das regiões de origem para a exploração mineral.

A mulher é sem dúvidas, a principal afetada pelas ações minerais, são elas que por muitas ocasiões vivenciam o processo de desapropriação das suas casas, e grupos sociais removidos e todo o processo na percussão da saúde física, emocional e mental tanto sua, como dos seus familiares, o que supra afirma toda a reprodução histórica do cuidado e do papel da mulher neste processo exploratório como aponta Brito (2016):

[...] mesmo que ele seja frequentemente invisibilizado. A relação das mulheres com a esfera da produção do viver faz com que elas sejam as primeiras a sofrerem as consequências da expansão da mineração sobre os territórios, consequências que se manifestam em diversas áreas de suas vidas. São as mulheres as responsáveis pela lavagem das roupas, que ficam

sujeitas com a poeira das minas. São elas as que cuidam dos familiares quando estes adoecem por problemas de saúde, queixas frequentes de comunidades atingidas. (Brito, 2016, p. 24).

Sendo assim, é importante enfatizar que mesmo sendo um problema que afeta todas as pessoas, são as mulheres as mais afligidas pela extração mineral, sendo as pertencentes de grupos tradicionais, quilombolas, indígenas e ribeirinhas as mais suscetíveis com as expressões da questão social que se apresenta frente a mineração e seus processos outros desdobramentos como pontua Brito (2016):

Não é só a abertura da mina em si que causa impactos nas vidas das mulheres. A construção de infraestrutura de transporte e energia também afeta seu cotidiano e seus territórios, deteriorando as condições de vida. É o que acontece quando são abertas ferrovias que cortam comunidades ao meio, a exemplo da ferrovia construída para dar vazão à produção da S11D, mina de ferro da Vale, e que passou por cima de diversas comunidades. (Brito, 2016, p. 25).

Se apresenta também como questão importante a sustentabilidade que se defende tanto dentro do sistema capitalista no ramo da mineração, pois dentro dos moldes do capitalismo é quase ilusório perceber que as ações de sustentabilidade que existem dentro dos projetos de ações das empresas consigam alcançar a diminuição dos danos ao ecossistema. Pois enquanto o mundo vivenciar o capitalismo em si, tampouco haverá a defesa do dito termo. Até mesmo quando se pontua o processo de descarbonização do mundo através da mineração também se vende uma grande ilusão, pois para se fazer as placas fotovoltaicas, e parques eólicos é utilizado recursos minerais para a construção, o que causará danos a natureza, pois a extração acontece a larga escala com contaminação pelo ar, pelas águas, pelos alimentos.

Portanto inseridos nesta condição o trabalho do(a) assistente social vai se defrontar com questões importantes que se apresentam dentro desta condição da questão social como conceitua Iamamoto:

A questão social diz respeito ao conjunto das expressões das desigualdades sociais engendradas na sociedade capitalista madura, impensáveis sem a intermediação do Estado. Tem sua gênese no caráter coletivo da produção, contraposto à apropriação privada da própria atividade humana – o trabalho –, das condições necessárias à sua realização, assim como de seus frutos. É indissociável da emergência do “trabalhador livre”, que depende da venda de sua força de trabalho como meio de satisfação de suas necessidades vitais (IAMAMOTO, 2001, p. 17)

Questões essas que se multifacetam através da concretude das expressões da questão social que se apresentam no bojo dos equipamentos e dos espaços multiprofissionais do trabalho do(a) assistente social, sendo responsáveis por garantias necessárias para o acesso dos direitos desta população que está em ameaça pelo avançar da mineração. Ademais, pensar questões transversais como essas sem está e reconhecer o trabalho de defesa que é proporcionado pelos

movimentos sociais é propagar viés conservador e propagação da exploração desta parcela da sociedade brasileira.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de exploração de minérios na América Latina é histórico e transformou profundamente os países que fazem parte da região, desde a colonização até os dias atuais. A intensa extração de minerais iniciada pela Península Ibérica e posteriormente outros países europeus, teve impactos devastadores sobre os povos indígenas e africanos, com a exploração da sua força de trabalho de forma escravizada, além do apagamento de suas culturas e identidades, e a ocupação de suas terras. No Brasil, as populações negras foram forçadas a trabalharem na agricultura, agropecuária, nas casas dos colonizadores e nas minas, os quais eram submetidos a duros e exaustivos trabalhos. Com isso, a riqueza mineral da América Latina se tornou fundamental para a Europa no processo de ascensão do capitalismo, o qual essa mesma riqueza sustentava o sistema colonial.

Apesar da América Latina ser abundante em recursos minerais, enfrenta uma luta constante para garantir que essas riquezas sejam utilizadas de forma justa e sustentável, principalmente, pela forma como a extração de minérios é executada de modo desenfreado a causar graves danos ambientais e sociais, afetando as comunidades locais e gerando conflitos com ativistas ambientais. Nesse sentido, percebemos que a mineração, objeto da colonização, afetou significativamente a vida daqueles que passaram pela escravização, bem como as relações pessoais e econômicas, e hoje estamos diante das consequências que essa colonização gerou na América Latina e no Brasil.

A trajetória histórica da exploração mineral no Brasil, enraizada na apropriação colonial e perpetuada por práticas neoliberais, têm gerado impactos profundos, especialmente para as comunidades tradicionais e, em particular, para as mulheres, que sofrem de maneira desproporcional os efeitos da degradação ambiental e do deslocamento forçado. A promessa de sustentabilidade dentro do atual sistema capitalista se revela ilusória, visto que a extração em larga escala continua a comprometer ecossistemas inteiros, além de agravar desigualdades sociais.

Nesse sentido, o papel do assistente social torna-se essencial na defesa dos direitos das populações vulneráveis, enfrentando as múltiplas expressões da questão social que emergem no



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

contexto da mineração. Sua participação é fundamental na defesa por políticas públicas e ações que diminuam os danos na vida dessas pessoas, na busca por garantir um modo de vida mais justo e um espaço ambiental equitativo.

6. REFERÊNCIAS

BRITO, Mariana F. S. de. **Mulheres e Mineração no Brasil**. Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas. Rio de Janeiro, 2017.

COGGIOLA, Osvaldo. A colonização da América e a acumulação originária do capital. Jus Humanum – **Revista Eletrônica de Ciências Jurídicas e Sociais da Universidade Cruzeiro do Sul**. São Paulo, v. 1, n. 1, jul./dez. 2011. p.140-174.

COMISSÃO Pró-Índio de São Paulo. **QUILOMBOLAS NO BRASIL**. Disponível em: <<https://cpisp.org.br/direitosquilombolas/observatorio-terras-quilombolas/quilombolas-brasil/>>. Acesso em: 30 ago. 2024.

GROSGOUEL, Ramon. **A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI**. Revista Sociedade e Estado – Volume 31. Número 1. Janeiro/Abril 2016.

IAMAMOTO, Marilda V. **A questão social no capitalismo**. In: Temporalis. Revista da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social – ABEPSS. Ano II nº 3, janeiro a junho de 2001. Brasília.

IBRAM apresenta as oportunidades da mineração brasileira no Brazil Saudi Arabia Conference. Instituto Brasileiro de Mineração. 2024. Disponível em: <<https://ibram.org.br/noticia/ibram-apresenta-as-oportunidades-da-mineracao-brasileira-no-brazil-saudi-arabia-conference/>>. Acesso em: 21 ago. 2024.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. 3. ed. São Paulo: Sundermann, 2017.

O TRÁFICO negroiro. **MultiRio**. História do Brasil. Ocupação litorânea. Disponível em: <<https://multirio.rio.rj.gov.br/index.php/historia-do-brasil/america-portuguesa/8739-o-tr%C3%A1fico-negroiro>>. [s.d]. Acesso em: 30 ago. 2024.

Open Democracy. **Mineração produz onda de conflitos sociais na América Latina**. 16 junho 2021. Disponível em: <<https://www.opendemocracy.net/pt/mineracao-produz-onda-de-conflitos-sociais-na-america-latina>>. Acesso em: 21 ago. 2024.

RAICHELIS, RAQUEL.; PAZ, ROSANGELA DIAS O. DA.; WANDERLEY. MARIANGELA BELFIORE. A erosão dos direitos humanos e sociais no capitalismo ultraneoliberal. **Rev Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, v. 146, p. 5-11, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0101-6628.267>. Acesso em: 15 de jul. 2024.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

RODRIGUES, Bernardo S. Geopolítica dos Recursos Naturais Estratégicos na América do Sul. **Perspectivas**, São Paulo, v. 45, p. 63-87, jan./jun. 2015.

SANTIAGO, Myrna. Extraíndo histórias: mineração, trabalhadores e ambiente. **RCC Perspectives**, Nº 7. Novas Histórias Ambientais da América Latina e do Caribe. 2013. p. 83-90.

UMA BREVE história da mineração no Brasil. **Geoinova**. 24 de fevereiro de 2023. Disponível em: <<https://geoinova.com.br/uma-breve-historia-da-mineracao-no-brasil/>>. Acesso em: 30 ago. 2024.